AÇÚCAR

O mercado internacional do açúcar parece ter entrado numa nova fase, cuja duração não se pode determinar. A transformação da CEE em grande exportadora, o protecionismo norte-americano e a busca de auto-suficiência dos países importadores, fizeram com que as cotações internacionais caíssem abaixo dos custos da produção da maior parte dos países exportadores.

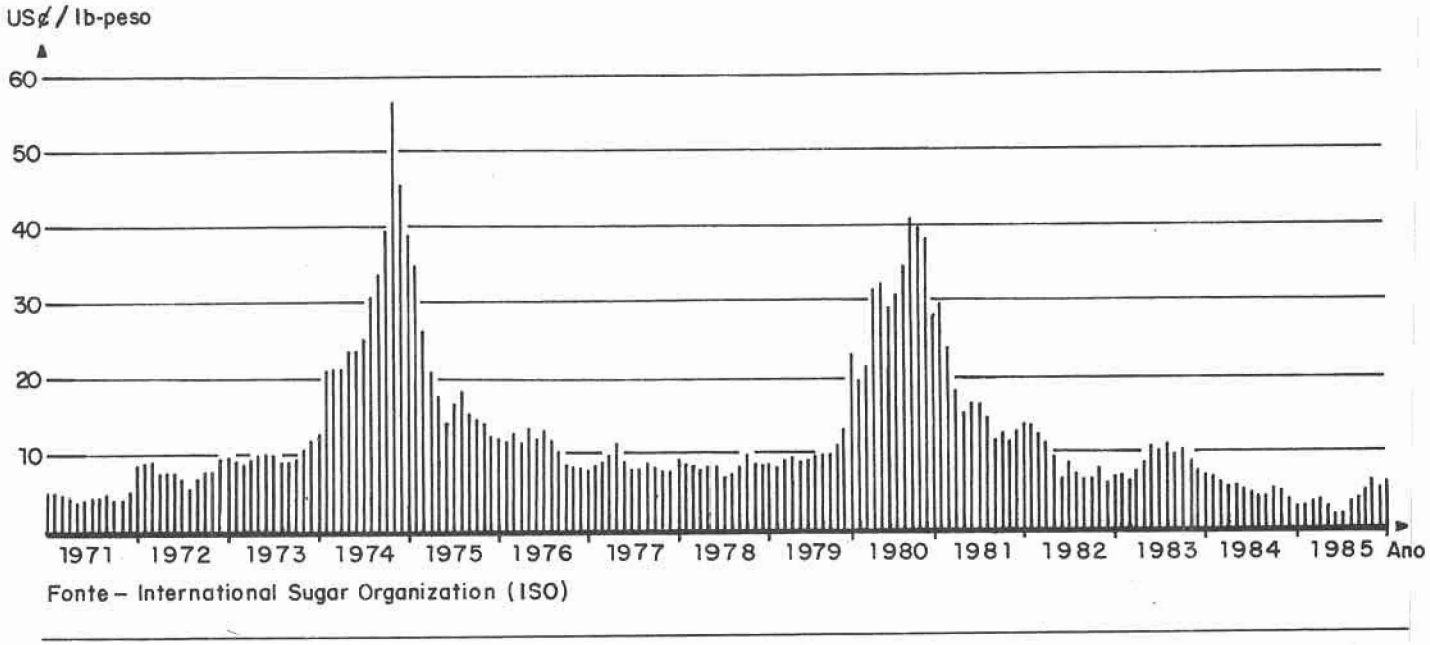
A atual situação do mercado internacional do açúcar permite prever que seus preços ainda permanecerão baixos, pelo menos até o encerramento da safra 1985/86, em agosto próximo. Conforme as diversas estimativas que vêm sendo divulgadas, acerca da presente safra, o consumo deverá superar a produção, com conseqüente redução dos estoques. No entanto, o déficit de oferta não será suficiente para reduzir, de forma significativa, o substancial estoque acumulado nos últimos anos. Segundo **F. O. Licht**, estes estoques serão de 38,1 milhões de t, ao final do período, ao invés de 41,2 milhões de t, registradas na safra anterior. A produção poderá atingir 97,1 milhões de t, ou seja, uma quantidade inferior às 99,8 milhões de t estimadas para o consumo.

Com uma taxa de 38,3% entre os estoques finais e o consumo, a perspectiva de recuperação dos preços fica adiada para o limiar do segundo semestre, quando serão conhecidas as primeiras estimativas da safra seguinte.

O fato de que o preço internacional permanece, há quase cinco anos, em níveis abaixo dos custos de produção obtidos pela maior parte dos países exportadores revela que o mercado, mais do que em um contexto de depressão cíclica, apresenta nova configuração, que ainda irá prolongar-se, até que dela resulte a retirada dos países menos capazes de suportar a gravosidade do produto.

O Gráfico 01 demonstra que, nos últimos quinze anos, a cotação do açúcar apresentou comportamento em que períodos prolongados de baixas cotações foram interrompidos por bruscas elevações. Nos últimos cinco anos, registraram-se preços continuamente decrescentes, o que pode ser atribuído: à mudança de posição

GRÁFICO 01 – PREÇOS DO AÇÚCAR DEMERARA NA BOLSA DE NOVA IORQUE (US¢/LIBRA-PESO) 1971-85



Fonte – International Sugar Organization (ISO)

da **Comunidade Econômica Européia (CEE)**, de antiga importadora para uma das principais exportadoras; à política protecionista dos **Estados Unidos da América** para com sua indústria açucareira, bem como o crescimento do consumo de sucedâneos do açúcar neste país e ao esforço para atingir a auto-suficiência, empreendido por grande número de países importadores.

A **Comunidade Européia** mostrou-se, nos últimos anos, insensível diante da necessidade de medidas que restringissem seu grande excedente de produção. Como é sobejamente conhecido em todo o mercado do açúcar, os países membros da **CEE** subsidiam generosamente sua produção interna, o que faz com que o produtor do açúcar de beterraba mantenha-se indiferente à queda dos preços nas bolsas internacionais. Nesta safra, as condições climáticas inicialmente adversas, pareciam indicar uma possível redução na produção. Contudo, com a melhoria destas condições na etapa da colheita, a safra recuperou-se, em curto espaço de tempo. Segundo estimativas de **F. O. Licht**, a produção deverá atingir 14,5 milhões de t, repetindo basicamente a mesma produção da safra 1984/85. Observe-se ainda que, com os problemas existentes em alguns países produtores de açúcar de cana (como foi o caso de **Cuba**, que teve sua produção prejudicada pelo furacão **Kate**) deverá aumentar a procura do açúcar da **CEE**, dissipando qualquer possibilidade de que esta venha a restringir seu excesso de produção em futuro próximo.

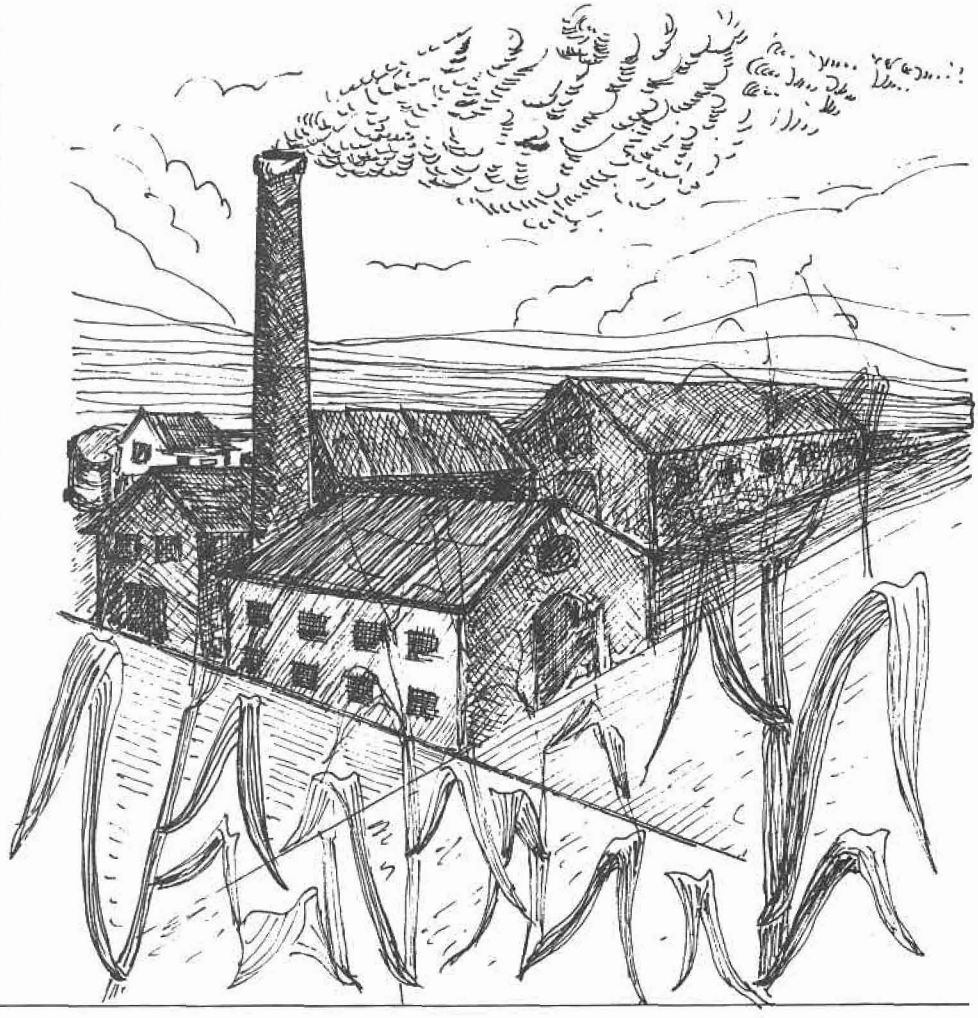
Os **Estados Unidos da América**, por sua vez, prosseguem com o firme objetivo de reduzir suas importações, como meio de proteger os interesses da sua produção interna de açúcar de beterraba e de cana, bem como os da produção do xarope de milho **(HFCS)**. A nova legislação agrícola obriga o **Departamento de Agricultura** norte-americano a reduzir as quotas de importação, o que deverá ainda se tornar mais drástico em 1987, atingindo de forma diferenciada um conjunto de países em desenvolvimento.

A redução da demanda norte-americana, assim como os bem-sucedidos programas de auto-suficiência de países, até então dependentes da importação de açúcar, vem provocando retração do mercado, em que pesem os baixos preços de venda.

Recorrendo novamente aos dados de **F. O. Licht**, constata-se que nos dois últimos anos, a quantidade de importações apresentou taxas negativas de crescimento de 2,5% e 5,5%, respectivamente.

O quadro de interesses profundamente conflitantes que caracteriza o mercado internacional, aliado à apatia de alguns países quanto à necessidade de busca de uma solução de consenso, vem impedindo a consecução de um novo **Acordo Internacional do Açúcar**. Embora as discussões prossigam, reunindo os quatro maiores exportadores **(Cuba, Brasil, CEE** e **Austrália)**, o impasse principal continua, isto é, a não submissão da **Comunidade Européia** a um sistema de quotas de exportação.

Na ausência de um acordo que regule o comércio, o que se observa é o esforço isolado de alguns países em favor da recuperação do mercado. A queda de 3,2% da produção na safra ainda em curso, em comparação com o resultado alcan-



çado no período anterior, deve ser creditada quase que exclusivamente a **Cuba** e ao **Brasil**, conforme pode ser observado no Quadro 09. Ressalte-se, ainda, que o decréscimo da produção cubana não foi resultado de uma posição voluntária deste país, mas conseqüência dos danos causados pelo furacão **Kate**, que atingiu a região do Caribe no final do ano passado.

Entre os grandes exportadores mundiais, o **Brasil** foi o único país a adotar uma política limitativa à produção de açúcar. Esta decisão foi colocada em prática a partir da divulgação do **plano de safra**, ao mesmo tempo que foi fixada a quantidade de 2,5 milhões de t como a meta máxima de exportação para 1985. Cabe aqui recordar que, para a obtenção deste objetivo, o governo viu-se obrigado a cancelar ou adiar um conjunto de compromissos de exportação assumidos pela gestão anterior do **Instituto do Açúcar e do Álcool**. A repercussão sobre o mercado internacional fez-se sentir a partir de julho, quando o preço retomou uma tendência ascendente, após atingir, em junho, a mais baixa cotação média dos últimos quarenta anos, ou seja, US¢ 2,74/libra-peso.

Na medida em que outros países não acompanharam o **Brasil**, no sentido de reduzir a superoferta mundial, os preços estabilizaram-se, desde setembro último, em um patamar entre US¢ 5 e US¢ 6/libra-peso. Diante disso, o resultado final das exportações brasileiras mostrou-se bastante sofrível, com uma arrecadação de US$ 420 milhões para o chamado **complexo-açúcar** (açúcar, mel rico e melaço). O prejuízo médio da exportação brasileira ficou em torno de US$ 50/t para o açúcar demerara e US$ 65/t para o açúcar refinado. Os subsídios para a exportação foram de US$ 167 milhões, segundo estimativa do **IAA**.

Em 1986, além das baixas cotações que devem permanecer, conforme sugere esta análise do comércio



mundial, o Brasil enfrenta um problema adicional, que é a obrigação de cumprir os contratos de exportação adiados do ano anterior, além dos embarques já ajustados para este ano, pelo governo precedente. Estes contratos, via de regra, foram acertados de forma prejudicial para o país, em um momento em que o mercado do açúcar não favorecia negociações de longo prazo. Desta forma, o mais provável é que o **Brasil** ainda tenha que arcar com exportações gravosas.

QUADRO 09 – PRODUÇÃO MUNCIAL DE AÇÚCAR – 1985/86[1] E1984/85
(em 1.000 t, açúcar cru)

ESPECIFICAÇÃO	1985/86	1984/85	Variação Percentual Δ%
Açúcar de Beterraba			
– Europa Ocidental	17.915	18.200	– 2
CEE	14.436	14.421	0
– Europa Oriental	13.726	13.659	0
– Outros	5.616	5.785	– 3
Açúcar de Cana			
– África	7.301	7.378	– 1
– América Central	16.208	17.716	– 9
Cuba	6.900	8.097	–15
– América do Sul	12.782	14.352	–11
Brasil	8.200	9.332	–12
– Ásia	19.806	19.774	0
Índia	7.100	6.660	+ 7
– Oceania	3.825	4.158	– 8
Austrália	3.440	3.624	– 5

FONTE – F. O. Licht.
[1] 2ª estimativa